



A Rota das Doceiras: saberes, fazeres e sabores nas terras de Luzia

Cláudia Silva Barbosa ¹

RESUMO

A valorização dos saberes e fazeres relacionados com as práticas alimentares das comunidades num dado território é uma forma de auxiliar na diversificação e ampliação da renda local. Entretanto, para além da renda, pode estar vinculado ao pertencimento ao território e aos processos de patrimonialização desse mesmo saber fazer, auxiliando em sua proteção. Assim sendo, o artigo busca refletir sobre a criação da Rota das Doceiras e a sua contextualização no município de Lagoa Santa, integrante da Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Destaca-se ainda sua inserção em um território protegido: a APA Carste de Lagoa Santa, berço da arqueologia e paleontologia brasileiras. A Rota envolve assim, patrimônios materiais e imateriais, mas especialmente as famílias que dela fazem parte e encontram-se na busca por sua sobrevivência comunitária e da valorização de suas tradições.

Palavras-chave: Rota das Doceiras, Saberes, Fazeres, Patrimônio, Luzia.

RESUMEN

Valorar los conocimientos y prácticas relacionados con los hábitos alimentarios de las comunidades de un territorio determinado es una forma de ayudar a diversificar y ampliar los ingresos locales. Sin embargo, además de los ingresos, puede estar ligado a la pertenencia al territorio y los procesos de patrimonialización de ese mismo saber hacer, contribuyendo a protegerlo. Por ello, el artículo busca reflexionar sobre la creación de la Ruta Dulce y su contexto en el municipio de Lagoa Santa, parte de la Región Metropolitana de Belo Horizonte, en Minas Gerais. Destaca su inserción en un territorio protegido: la APA Karst de Lagoa Santa, cuna de la arqueología y paleontología brasileñas. La Ruta involucra así el patrimonio material e inmaterial, pero especialmente a las familias que lo integran y están en la búsqueda de su supervivencia comunitaria y la valoración de sus tradiciones.

Palabras clave: Ruta de los Dulces, Conocimiento, Elaboración, Patrimonio, Luzia.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, geoclaudiabarbosa@gmail.com



INTRODUÇÃO

A Rota das Doceiras localiza-se na Região Metropolitana de Belo Horizonte em Minas Gerais. Esta região tem no seu Vetor Norte uma das áreas de maior crescimento urbano e de aplicação de investimentos econômicos. Parte disto, ocorreu em função de projetos como a implantação da sede do governo estadual neste território e da ampliação do Aeroporto Internacional Tancredo Neves. Ao mesmo tempo, é neste Vetor que se encontram diversos patrimônios como sítios arqueológicos, paleontológicos, espeleológicos e culturais, situados na região da Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa. Esta unidade de conservação federal abrange todo o município de Confins e partes de Lagoa Santa, Funilândia, Matozinhos e Pedro Leopoldo, perfazendo aproximadamente 35.000 hectares (BRASIL, 1990). (Figura 01).

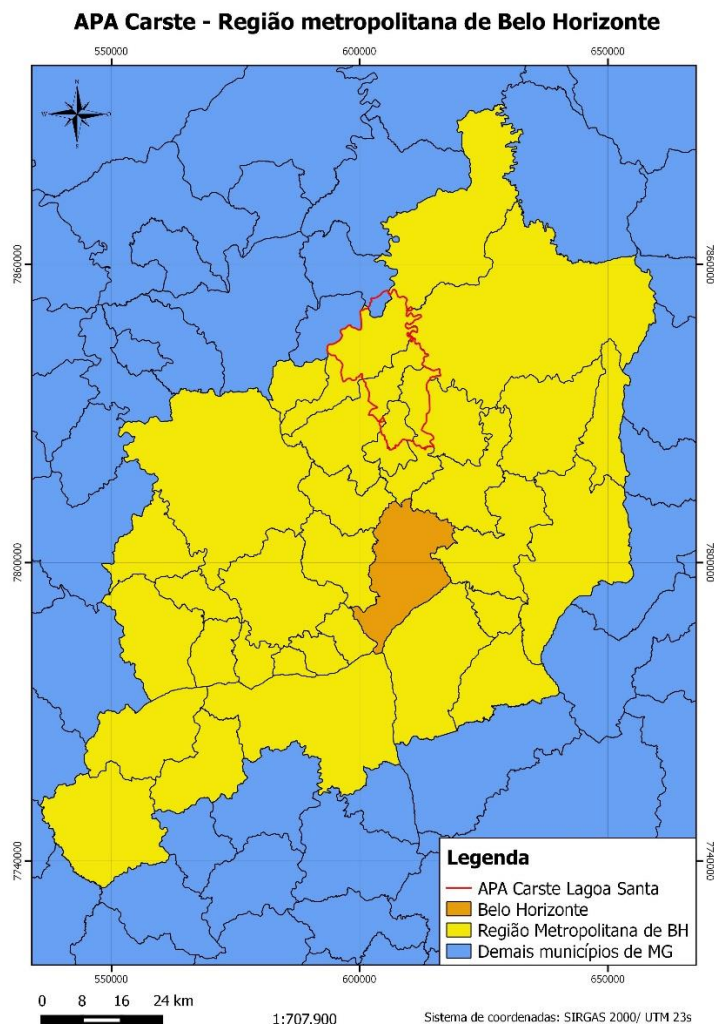


Figura 1: Localização da APA Carste de Lagoa Santa na RMBH-MG.
Fonte: Arquivos internos ICMBio, 2020.



O objetivo de criação da APA Carste de Lagoa Santa no ano de 1990 foi para:

[...] garantir a conservação do conjunto paisagístico e da cultura regional, tem por objetivo proteger e preservar as cavernas e demais formações cársticas, sítios arqueo-paleontológicos, a cobertura vegetal e a fauna silvestre, cuja preservação é de fundamental importância para o ecossistema da região. (BRASIL, 1990).

Depreende-se, então, que integra o objetivo de criação da APA Carste a conservação da cultura regional. Sendo assim, procurou-se apresentar neste artigo um estudo de caso no qual os atributos culturais presentes no território exemplificassem as conflitualidades e potencialidades culturais na unidade de conservação, que é o berço do denominado Povo de Luzia. Para tanto, escolheu-se a Rota das Doceiras, estabelecida no Distrito de Lapinha em Lagoa Santa/MG.

APORTE TEÓRICO

O artigo tem o aporte teórico baseado na etnografia e suas relações com o espaço vivido. Foram utilizadas obras que tratam sobre o patrimônio, os fazeres cotidianos, o Povo de Luzia e a própria Rota das Doceiras, além de documentos oficiais. Parte destes levantamentos integraram pesquisa de doutorado na UFMG denominada “Gestão da Paisagem Cultural: desafios e perspectivas diante do processo de metropolização na APA Carste de Lagoa Santa/MG”.

METODOLOGIA

Para o artigo optou-se por uma abordagem qualitativa, analisando a Rota das Doceiras dentro do contexto socioambiental e territorial no qual ela se insere. Partiu-se de um levantamento bibliográfico que envolveu autores como Certeau; Giard e Mayol, (2000); Neves e Piló (2008), além de Barroco e Barroco (2008). Além disto, realizou-se levantamento documental, afeito ao tema, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Lagoa Santa, pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais.

Realizou-se ainda atividade de campo no Distrito de Lapinha, em Lagoa Santa/MG e entrevista semiestruturada para melhor compreender a realidade do território no qual se encontra a Rota das Doceira e que envolve duas unidades de conservação: a Area de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa e o Parque Estadual do Sumidouro.



UM POUCO SOBRE A GEO-HISTÓRIA DAS TERRAS DE LUZIA

O Carste de Lagoa Santa é uma unidade geomorfológica na porção norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte em Minas Gerais. Nessa região, foram realizadas inúmeras descobertas arqueológicas e paleontológicas, especialmente iniciadas pelo dinamarquês Peter Wilhelm Lund no final do século XIX, que estimularam novas pesquisas no território. Uma delas está relacionada com a descoberta do fóssil de Luzia no município de Pedro Leopoldo no início da década de 1970, e que se tornou ícone da arqueologia mundial, originando várias pesquisas sobre a ocupação humana da América Latina (NEVES, PILÓ, 2008).

Parte das pesquisas mencionadas ocorreram em Lagoa Santa, município que se tornou ente federativo no ano 1938, a partir de áreas de outros dois municípios: Santa Luzia e Pedro Leopoldo (IBGE, 2021). Grande parte deste município integra a Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa, unidade de conservação Federal. Nele também se encontra o Parque Estadual do Sumidouro. Ambas as unidades de conservação apresentam o predomínio da rocha calcárea, favorável para a formação de cavidades, dolinas e sumidouros. E foi em Lagoa Santa que ocorreram parte das investigações científicas sobre arqueologia e paleontologia, por exemplo no lugarejo conhecido como Lapinha, um dos dois Distritos de Lagoa Santa.

Nas cavidades da Lapinha Peter Lund fez importantes descobertas (NEVES, PILÓ, 2008). Ressalta-se que uma das cavidades mais conhecidas na Lapinha, tem o nome do Distrito, ou seja, a Gruta da Lapinha, que é uma formação calcárea com milhões de anos e cerca de 40 metros de profundidade e 500 de comprimento. Ela possui vários salões que podem ser visitados. Nessa gruta foram encontrados por Peter Lund milhares de fósseis, incluindo o conjunto denominado Homem de Lagoa Santa (NEVES, PILÓ, 2008). Ao longo do tempo, na região pesquisada por Lund foram realizadas várias outras descobertas como do de artefatos indígenas e pré-históricos, alguns foram expostos no Museu Arqueológico de Lagoa Santa ou Museu do Castelinho, assim chamado carinhosamente pela comunidade local. (Figuras 2 e 3).



Figura 2: Fóssil humano exposto no Museu do Castelinho.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.



Figura 3: Coleções de cerâmicas do Museu do Castelinho.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

O Museu do Castelinho é uma obra da arte da autoconstrução. Ele foi projetado no início da década de 1970 por Mihály Bányai, húngaro que se instalou na região de Lagoa Santa e organizou ao longo de décadas o diversificado acervo do Museu. (Figura 4)

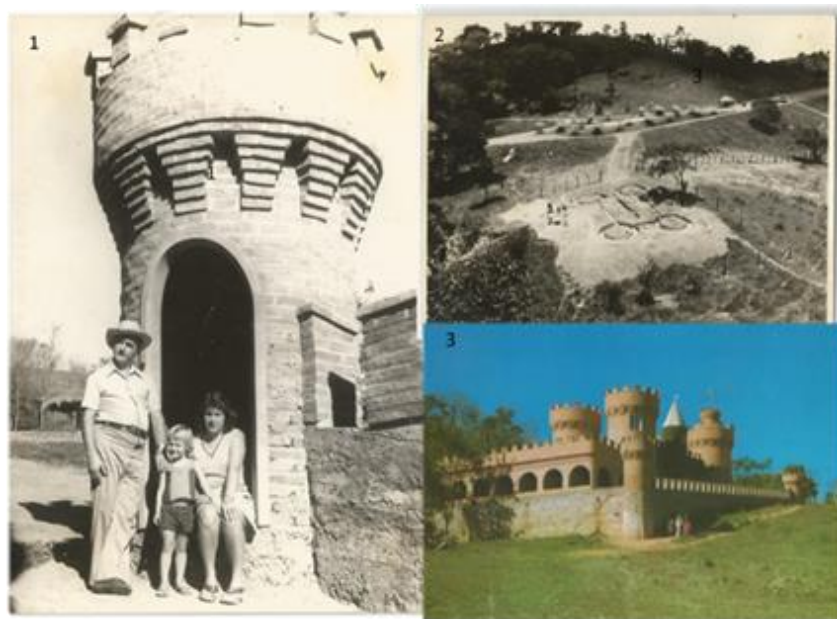


Figura 4: Pannel Castelinho: 1 Família Baniay, 2- Construção do Museu
3 Museu do Castelinho, Lagoa Santa-MG.

Fonte: Imagens cedidas por Erika Bányai (s/d).

A importância do Distrito de Lapinha foi oficialmente reconhecida quando a Prefeitura de Lagoa Santa no ano de 2001 emitiu o decreto nº 234 no qual tombava como patrimônio municipal vários bens, dentre eles a Gruta da Lapinha (PMLS, Art. 1º, 2001). Tempos, depois no ano de 2013, após solicitação do Ministério Público Federal para o executivo municipal, a Prefeitura de Lagoa Santa, também tombou o Museu do



Castelinho e seu acervo arqueológico, conforme disposto no Decreto 2.555 do ano de 2013:

Art. 1º - Fica decretado o TOMBAMENTO DEFINITIVO do Museu de Arqueologia da Lapinha, também conhecido como Castelinho, bem como a sua construção e todo o seu acervo arqueológico. (PMLS, Art. 1º, 2013).

Desta maneira, tanto o Museu do Castelinho quanto a Gruta da Lapinha integram o patrimônio de Lagoa Santa. Entretanto, como atualmente estão dentro dos limites do Parque Estadual do Sumidouro tem sua visitação e uso gerenciada pelo Instituto Estadual de Florestas -IEF.

Era justamente em quiosques situados na entrada da Gruta da Lapinha que doceiras e quitadeiras vendiam seus produtos, perto do Museu do Castelinho. Todavia, com a implantação do Parque, em cujos limites ficaram tanto a Gruta da Lapinha quanto o Museu, a atividade desenvolvida pelas doceiras e quitadeiras passou a ter que ser regularizada pelo IEF, o que dificultou para muitas famílias continuarem a vender seus produtos no interior da unidade de conservação.

Anos depois desse impedimento, devido a mobilização de lideranças locais em parceria com atores da Prefeitura Municipal de Lagoa Santa, surgiu a Rota das Doceiras para valorizar e estimular a produção tradicional de alimentos, como os doces e biscoitos, o que será apresentada a seguir.

A ROTA DAS DOCEIRAS: TRADIÇÃO FAMILIAR

Os doces e quitandas do Distrito de Lapinha em Lagoa Santa-MG ficaram conhecidos quando turistas vinham conhecer a Gruta da Lapinha. Parte destes turistas se deslocavam para a região para conhecer o rico patrimônio arqueológico e paleontológico do município de Lagoa Santa e outros que foram objetos das pesquisas de Peter Lund. Conforme aponta Soares (2021):

Lapinha é conhecida mundialmente pelo atrativo Gruta da Lapinha e pelas descobertas científicas de Peter Lund na Região ,recebemos muitos turista aqui na Região, antes algumas doceiras comercializavam seus doces e quitandas na praça no entorno da gruta com a cessão da gruta do município para o estado ficaram sem espaço para vender seus produtos, paralelo a essa situação os turistas que visitam a região, sempre procuravam outros atrativos e desconheciam essa riqueza gastronômica que são os doces e quitandas importante Patrimônio imaterial do município. (Entrevista, Soares, 2021).



Desta maneira, além do rico e complexo patrimônio material existente na região da APA Carste de Lagoa Santa e no Parque Estadual do Sumidouro, a cultura local também é diversa e integra o patrimônio cultural brasileiro, conforme disposto no artigo 216, V, da Constituição Federal:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Em 2009, o Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico registrou a prática de produção de Doces e Quitandas da Lapinha como Patrimônio Imaterial do Município de Lagoa Santa (PMLS, 2020), fato que valorizou a produção artesanal das famílias locais. Para além da patrimonialização, entende-se que a alimentação é parte de uma prática cultural que pode gerar identidades e pertencimentos comunitários (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2000).

Tempos depois, já no ano de 2012 foi estabelecida a Associação de Doceiras e Artesãos do Parque Estadual do Sumidouro- ADOARPS. Em paralelo a isto, o Parque Estadual do Sumidouro iniciou em 2016 um projeto denominado “Saberes e Fazeres” para difundir as ações de empreendedorismo no entorno do Parque. Isto ampliou a aproximação da unidade de conservação com a comunidade local, especialmente com as doceiras e quitandeiras, divulgando seu trabalho tanto em um Boletim Informativo quanto no Blog do Parque (PESU, 2021).

Os saberes e fazeres da região da Lapinha ao longo de 2016 foram apresentados no referido Boletim de maneira simples e objetiva, utilizando linguajar de fácil entendimento e demonstrando que os produtos como as quitandas eram vendidos para além do município de Lagoa Santa:

Já ouviu falar na rosquinha da Teteia?! Pois é na Lapinha que encontramos esta delícia preparada por Cristina e Andirley, seu filho. Todas as suas quitandas fazem muito sucesso. Leve, crocante e muito gostosa, é vendida em diversos pontos de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, São José de Almeida, Belo Horizonte e Contagem (CEASA) Além das rosquinhas, Cristina ainda faz Cobu, Fatia de canela e Biscoito de soda. (PESU, 2016 a).



Além disto, outras produções além de doces e quitandas como a farinha e o fubá produzidos localmente também foram divulgadas:

Você sabia que na Lapinha, além dos tradicionais, é possível encontrar farinha de fubá de moinho d'água, D. Elmira Esteves da Cruz, 80 anos, nascida e criada no distrito, produzia e vendia além da farinha, rosquinha, fubá e cobu ... quem assumiu o seu posto foi a prima, Ivete Roberta de Paula. São quase três horas mexendo sem parar no forno do fundo de casa. Há muitos anos, ela trabalhou na fábrica de farinha de mandioca da região, o que lhe proporcionou experiência. A farinha produzida é vendida em Confins, São José de Almeida e também em Fidalgo, distrito de Pedro Leopoldo. (PESU, 2016 b).

Nesse contexto, e considerando que os doces e quitandas são parte da memória afetiva dos moradores locais, uma vez que a memória também é formada por sentidos físicos como o paladar e o odor que se expressam por meio dos alimentos (BARROCO; BARROCO, 2008) foi pensada a Rota das Doceiras, que busca promover um resgate identitário e de memória coletiva.

Inicialmente pode-se dizer que a Rota surgiu de uma iniciativa que envolveu articulação entre a Câmara dos Vereadores, a Prefeitura Municipal e lideranças da comunidade local, doceiras e quitandeiras para a valorização e a preservação da cultura regional, especialmente sobre a tradição do fabrico de doces e quitandas no Distrito de Lapinha em Lagoa Santa -MG (Entrevista, Soares, 2021).

O projeto alicerçou-se no denominado turismo de base comunitária, no qual os visitantes experenciam sabores e os modos de produção junto com os moradores locais. O saber fazer das quitandas e doces é uma tradição de algumas famílias na Lapinha, que é repassado entre as gerações e compõem o patrimônio cultural da região (Figuras 5 e 6). Quanto a isto, a Sr^a Marta M. Soares que é uma das idealizadoras da Rota das Doceiras afirma que:

Essa tradição culinária surgiu das cozinhas das Fazendas coloniais aqui da região que possuíam pomares, gado leiteiro e um engenho de cana de açúcar. É uma Cultura interessante as esposas dos fazendeiros tinham uma educação geralmente em conventos eram preparadas para o casamento aprenderam essas técnicas com as freiras e repassavam as escravas e pessoas que trabalhavam na fazenda, serviam doces e quitandas em casamentos, batizados, festas religiosas e para receberem visitas o que é interessante, que essa produção de doces artesanais foi passada de geração a. Geração um dos objetivos do projeto é fortalecer essa cultura. (Entrevista, Soares, 2021).



Figura 05: Expositor com produtor da Rota das Doceiras.
Fonte: Arquivo pessoal da autora , 2019.



Figura 6: Família reunida para fabrico de doces:
Sr. Gê, Dona Fiota e a filha Ana, Lapinha.
Fonte: Imagem cedida por Erika Bányai, 2015.

Quando o projeto foi implantado, as doceiras e quitandeiras tradicionais do Distrito de Lapinha foram identificadas e as que quiseram integrar o projeto receberam qualificação para melhorar sua produção pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater–MG) e pelo Serviço Nacional de



Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (SENAR-MG). Além disso foi criada uma marca que as identificasse (Figuras 7 e 8).



Figura 7: Placa das Quitandas da Teteia.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.



Figura 8: Placa dos Doces da Dona Lôra.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

A marca da Rota das Doceiras foi colocada em frente das casas das famílias que a integram e em materiais como uniformes e embalagens. E foi criado um mapa/roteiro da Rota na plataforma de buscas do Google Maps (Figura 9):

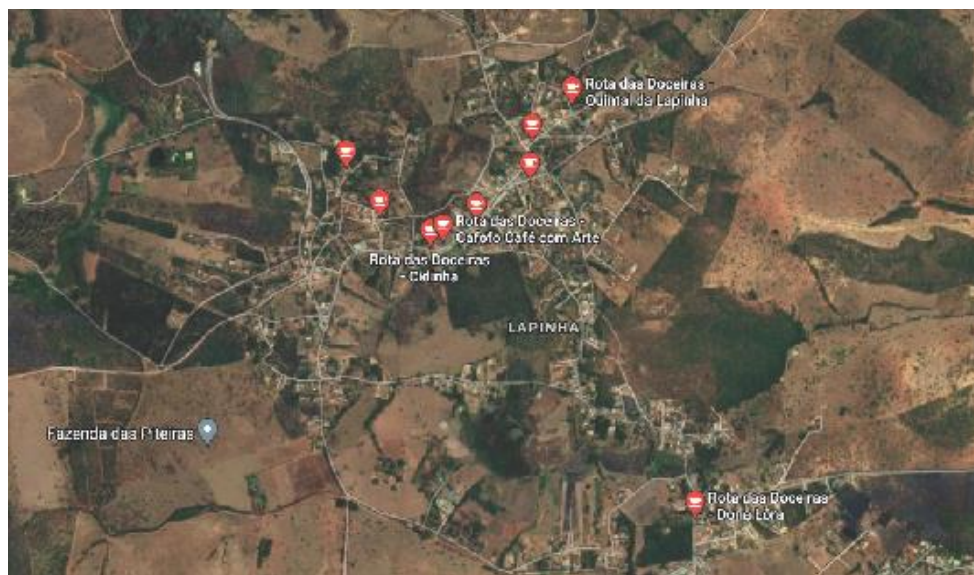


Figura 9: Rota das Doceiras.
Fonte: Google Maps (2021)

Além disto, foi elaborado um guia sobre a Rota, o que favoreceu o aumento do turismo gastronômico de experiência na região da Lapinha e a melhoria da renda familiar das quitandeiras e doceiras locais (Entrevista, Soares, 2021).



Entende-se, com base no exposto, que, aos poucos, a Rota das Doceiras se fortalece e reacende a valorização da cultura local, seus saberes e fazeres (Figuras 10 e 11), favorecendo o pertencimento ao lugar, no caso o Distrito de Lapinha, e ampliando a fonte de renda das famílias locais. Tais peculiaridades poderiam integrar projetos específicos de valorização destas tradições nas unidades de conservação da região.



Figura 10: Doces da região da Lapinha.
Fonte: Imagem cedida por Erika Baniay, 2020.



Figura 11: Quitandas da região da Lapinha.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas terras de Luzia, durante muitas décadas as famílias do Distrito de Lapinha puderam vender seus produtos artesanais na entrada da Gruta da Lapinha, o que foi dificultado pela implantação de um parque. Tempos depois, ocorreu uma revalorização do saber fazer tradicional destas famílias, tanto pelo registro como Patrimônio Imaterial Municipal quanto pela implantação da Rota das Doceiras.

Entende-se que esta Rota envolve o lado sensorial do visitante, mas também o conhecimento tradicional e acadêmico, pois está localizada numa região que possui grande importância do ponto de vista histórico, arqueológico e paleontológico, uma vez que localiza-se na Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa e na zona de amortecimento do Parque Estadual do Sumidouro. Ao mesmo tempo, a Rota das Doceiras tende a valorizar o pertencimento das Doceiras ao seu território comunitário. Tais características poderiam ser melhor trabalhadas pelas unidades de conservação no que tange ao conhecimento popular e a cultura regional.



REFERÊNCIAS

BARROCO, L.M.S. BARROCO, H. E. A importância da gastronomia como patrimônio cultural no turismo baiano. **TURyDES**, vol. 1, 2008. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/02/sbb.htm>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto nº 98.881, de 25 de janeiro de 1990. Dispõe sobre a criação de área de proteção ambiental no Estado de Minas Gerais, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Seção 1, Brasília, DF, 26 jan. 1990.

CERTEAU, M. de; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. v. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GOOGLE MAPS. **Rota das Doceiras**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/%C3%81rea+de+Prote%C3%A7%C3%A3o+Ambiental+do+Carste+de+Lagoa+Santa/@-19.5769123,-43.9711316,12z/data=!4m8!1m2!2m1!1srota+das+doceiras!3m4!1s0xa665c640449c7b:0x62d397ab62fbc903!8m2!3d-19.540829!4d-43.990171?hl=pt-BR>. Acesso em: 10 de jul. 2021.

IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS; CPRM - COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS . **Gestão Ambiental APA Carste de Lagoa Santa**. Belo Horizonte: IBAMA/Fund. BIODIVERSITAS/CPRM, 1998.

IBGE. **Lagoa Santa**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lagoa-santa/historico> . Acesso em: 02 de jun. 2021.



NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. O povo de Luzia, em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.

PESU – PARQUE ESTADUAL DO SUMIDOURO. **Saberes e fazeres**. Disponível em http://pesumidouro.blogspot.com/p/blog-page_19.html. Acesso em: 10 de jul. 2021.

PESU – PARQUE ESTADUAL DO SUMIDOURO. **Boletim Informativo**. Lagoa Santa/Pedro Leopoldo. n° 29. junho de 2016, a.

PESU – PARQUE ESTADUAL DO SUMIDOURO. **Boletim Informativo**. Lagoa Santa/Pedro Leopoldo. n° 30. julho de 2016, b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA – PMLS. **Rota das Doceiras**. Disponível em: <https://www.lagoasanta.mg.gov.br/turismo-cultura-o-que-conhecer/rota-das-doceiras?start=2>. Acesso em 03 jun. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA - PMLS. Decreto n° 234, de 05 de abril de 2001. Dispõe sobre tombamento de bens do patrimônio histórico arquitetônico e conjuntos histórico naturais. Lagoa Santa, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA - PMLS. **Decreto n° 2.535, de 18 de julho de 2013**. Dispõe sobre o Tombamento definitivo do bem Histórico conhecido por Castelinho, e dá outras providências. Lagoa Santa, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA - PMLS. **Bens inventariados e atualizados até o ano de 2020 pelo Município de Lagoa Santa**. Disponível em: <https://www.lagoasanta.mg.gov.br/noticias/56-turismo-cultura/7729-atualizacao-do-inventario-do-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio-de-lagoa-santa>. Acesso em 01 de jun. 2021.

SOARES, M. M. **Entrevista sobre a Rota das Doceiras**. Mensagem recebida por <e-mail> em 18 de maio de 2021.